

EDITH STEIN

*A ORAÇÃO
DA IGREJA*

EDITH STEIN

A ORAÇÃO DA IGREJA

Tradução da versão francesa
“Lá prière de l’Eglise”,
Pela companhia da Virgem

1958

Livraria Agir Editora
RIO DE JANEIRO

Copyright de
(AGIR)

ARTES GRAFICAS INDUSTRIAS REUNIDAS S. A.

Publicado por
ÉDITIONS DE LÓRANTE – PARIS

Nihil obstat:

P. M. T. L. Penido

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1957

Pode imprimir-se:

Rio, 28-12-1957

Mons. Caruso

Vigário Geral

Fonte:

alexandriacatolica

EDITH STEIN

Edith Stein nasceu a 12 de outubro de 1891, sendo a última filha de Siegfried Stein e Augusta Courant, e ambos de confissão israelita. Frequentou o liceu de Breslau, sua cidade natal, e, depois de haver passado com menção honrosa seu bacharelado, seguiu os cursos da Universidade de Breslau e, em seguida de Gottingen. Fez primeiramente, estudos de filosofia germânica, que terminou pelo exame de Estado e com menção “summa cum laude”. A declaração da primeira guerra mundial, decidiu interromper os estudos. Para sua alma de patriota, era impossível ficar inativa no combate da Alemanha. Pôs-se à disposição da Cruz Vermelha e depois de curta instrução, foi colocada num hospital de contagiosos onde tratou dos soldados com devotadamente heroico. A medalha da cruz Vermelha foi o agradecimento da pátria.

No fim da guerra, foi para Friburgo, onde o professor HUSSERL. Fundador da fenomenologia, a acolheu entre seus alunos. Por sua inteligência superior e esforços tenazes, depressa os ultrapassou, de tal modo que ajudou como assistente, em amigável colaboração, seu célebre mestre. Por ele foi encarregada de fazer conferências na Alemanha e no estrangeiro, para iniciar os especialistas no sistema de HUSSERL. Sua busca leal da filosofia foi recompensada por Deus com a descoberta da verdade. Acolhida na Igreja católica no dia 1º de janeiro de 1922, recebeu no batismo o nome de TERESA, porque o estudo dos escritos da grande santa de Ávila acabou de convertê-la. De Friburgo, volta a Spira, onde trabalhou como professora no liceu das Dominicanas de Santa Madalena. Aí, viveu a vida das religiosas e mesmo, conforme o testemunho delas, serviu-lhes de modelo. Nesse período de silêncio, toda entregue a oração e ao estudo, publicou o primeiro volume das obras completas de JOHN HENRY NEWMAN, na edição dos Teatinos, em Munich, 1930, foi editada por Otto Borgmeyer, em Breslau, em dois volumes, sua tradução das Questiones de Veritate, de STO. TOMÁS DE AQUINO, obra eminente que deu a conhecer seu nome além das fronteiras do seu país.

Nem a glória nem a honra podiam abalar-lhe a modéstia. A célebre filósofa buscava a solidão do Carmelo. Seus admiradores, porém, tudo

fizeram para reter no mundo um tão grande talento. Em 1932, foi chamada ao Instituto alemão de pedagogia científica de Munster. Nessa época, publicou uma belíssima obra sobre a *Ética da vocação feminina* e, na Revista mensal beneditina, uma série de artigos sobre o problema da formação moderna das jovens.

O desencadear da perseguição anti-semita interrompeu bruscamente sua atividade pública. Viu naquele acontecimento a porta aberta que há muito tempo buscava, e recebeu, ao mesmo tempo, o impulso de se oferecer a Deus pela salvação do seu povo... Com humildade comovente, pediu admissão na Ordem Carmelitana, o que lhe foi concedido a 14 de outubro de 1933 em Colônia-Lindenthal. À tomada de hábito, a 15 de abril de 1934, em presença do Abade de Beuron – essa abadia que foi sua pátria espiritual – recebeu o nome de Teresa – Benedita da Cruz. No domingo de páscoa, 21 de abril de 1935, dia da sua profissão, consagrava-se inteiramente ao Cristo.

Oculto ao mundo, revelou a riqueza das suas virtudes, ignorada de si mesma, espetáculo para o céu e a terra. Entregue de preferência aos ofícios humildes, escreveu, no entanto, a pedido da sua Madre Superiora, sua obra principal, *Ser eterno e ser infinito*, uma análise da filosofia moderna desde DESCARTES até HEIDEGGER. Essa obra, em dois volumes, foi impressa, não sem dificuldades, por Otto Borgmeyer, em Breslau, mas não foi publicada por causa das leis que interditavam toda obra de autor não ariano.

Com olhar sagaz, previa ela que a perseguição se havia de intensificar e compreendeu o perigo que sua presença trazia ao convento que muito amava. Com pesar, pediu a transferência para um Carmelo estrangeiro. Na noite do ano novo de 1938, foi conduzida para a Holanda por um médico amigo, o doutor Paulo Strerath, e encontrou acolhida cordial no Carmelo de Echt. Lá, escreveu sua última obra importante, sobre SÃO JOÃO DA CRUZ, com a clareza e acuidade que a caracterizavam.

Entretanto, antes de haver terminado o manuscrito, foi forçada pela polícia alemã a deixar o convento de Echt, a 2 de Agosto de 1942. A 6 de Agosto, foi reconhecida por uma de suas antigas alunas, na estação de Schifferstadt, junto à janela de um vagão selado. Uma breve palavra foi sua última saudação: “Diga a minhas irmãs que eu estou a caminho do Leste”. “Ad Orientem!” A última fase do seu calvário começava. Não sabemos

quando e onde atingiu o termo. Muitos rumores correram, mesmo o de seu martírio na câmara de gás de Auschwitz. Não houve nenhuma notícia segura.

Já não a buscamos na terra, mas junto de Deus que aceitou seu sacrifício, cujo fruto deu Ele ao povo pelo qual ela orou, sofreu e morreu, na plenitude da palavra: BENEDITA DA CRUZ.

NOTA DO TRADUTOR – O Jornal oficial da Holanda, que publicou em 1950 as listas das vítimas mortas em deportação, declarou ter Edith Stein encontrado a morte na câmara de gás de Auschwitz, em 9 de agosto de 1942.

A ORAÇÃO DA IGREJA

*Por Cristo, com Cristo, em Cristo,
a Vós, Deus Pai todo-poderoso,
na unidade do Espírito Santo,
toda a honra e toda a glória,
por todos os séculos dos séculos.*

[Nota: texto actualizado]

Por essas palavras solenes, encerra o sacerdote as orações do Cânon, que cercam o mistério da Transubstanciação. Nelas se acha resumido, sob a mais breve forma, todo o sentido da *oração da Igreja: honra e glória à divina Trindade, por, com e em Jesus Cristo*. Ainda que essas palavras sejam dirigidas ao Pai, não há, entretanto, glorificação do Pai que não seja, ao mesmo tempo, glorificação do Filho e do Espírito Santo. Cantam elas a glória que o Pai dá ao Filho e que um e outro partilharam com o Espírito Santo, na eternidade.

Toda glorificação de Deus se realiza *por, com e em Jesus Cristo*. *Por* Ele, uma vez que é só pelo Cristo que a humanidade tem acesso ao Pai, e porque sua existência de Deus-Homem e sua obra redentora são a mais perfeita glorificação do Pai. *Com* Ele, uma vez que toda oração sincera é um fruto da união com Cristo ao mesmo tempo em que uma confirmação dessa união, e porque todo louvor do Filho é glorioso ao Pai, e reciprocamente. *N'Ele*, uma vez que a Igreja orante é o próprio Cristo – cada orante é membro do seu corpo místico – e porque no Filho está o Pai. O Filho é o reflexo do Pai, cuja glória se manifesta.

Esse duplo sentido de *por, com e em* é clara expressão da mediação do Deus-Homem.

A oração da Igreja é a oração do Cristo sempre vivo. Ela prolonga, imitando-a, a oração do Cristo em sua vida de homem.

A ORAÇÃO DA IGREJA: LITURGIA E EUCARISTIA

Sabemos, pelas narrativas evangélicas, que o Cristo orou como um judeu crente e fiel à Lei.^[1] No tempo da sua infância, com os pais, depois

com os discípulos, mais tarde, ia, nos tempos prescritos, em perseguição a Jerusalém, a fim de participar das festas que se celebravam no Templo. Ele cantou alegremente com os peregrinos: “Alegrei-me porque me foi dito: vamos a casa do Senhor” (Sl. CXXI,1).

Pronunciou as antigas orações de benção,^[2] que ainda hoje são recitadas para o pão, o vinho e os frutos da terá, como testemunham as narrações da última Ceia, toda consagrada ao cumprimento de uma das mais santas obrigações religiosas: a solene ceia da Páscoa, que comemorava a libertação da servidão no Egito. Talvez seja aí que nos é dada a visão mais profunda da oração de Cristo e como que a chave que nos introduz a oração da Igreja.

“Enquanto comiam, Jesus tomou o pão; e, pronunciando a oração de ação de graças, partiu-o e deu-o a seus discípulos com estas palavras: “Tomai, comei, isto é o meu Corpo”. Tomou, em seguida, um cálice, deu graças e lhes deu: “Bebei dele, todos, pois isto é o meu Sangue, o Sangue da nova Aliança, derramado por muitos para a remissão dos pecados”.^[3]

A benção e a distribuição do pão e do vinho faziam parte do rito da ceia pascal. Mas, um e outro recebem aqui um sentido inteiramente novo. Aí se originou a vida da Igreja. Sem dúvida, somente em Pentecostes surge ela como comunidade espiritual e visível. Na Ceia, porém, se realiza o enxerto do sacramento no tronco, que torna possível a efusão do Espírito. As antigas orações de benção se tornaram, na boca do Cristo, palavras criadoras de vida. A criação visível, na qual Ele se inseriria, por sua Encarnação, está agora a Ele ligada de modo novo e misterioso. Aos alimentos indispensáveis ao desenvolvimento do organismo humano são transformados em sua essência, e, se os homens os tomarem com fé, também eles serão transformados, incorporados ao Cristo, numa união viva, e repletos de sua vida divina. A força vivificante do Verbo é unida ao Sacrifício. O Verbo se fez carne para dar a vida que possui. Ofereceu-se a Si mesmo e ofereceu a criação resgatada por Sua oferta em sacrifício de louvor ao Criador. A Páscoa da Antiga Lei se tornou a Páscoa da Nova Aliança na última Ceia do Senhor, no Gólgota pelo sacrifício da Cruz, entre a Ressurreição a Ascensão pelos ágapes jubilosos em que os discípulos reconheciam o Senhor à fração do pão e, no sacrifício da missa, pela sua santa comunhão.

Quando o Senhor tomou o cálice, *deu graças*: as bênçãos antes das refeições são, com efeito, um agradecimento ao Criador, e sabemos que o Cristo costumava, antes de fazer um milagre, dar graças, elevando os olhos ao seu Pai.^[4] Ele dá graças porque sabe, antecipadamente, que será atendido e também pela força divina que traz em Si e pela qual manifesta, diante dos homens, a onipotência do Criador. *Dá graças pela obra da Redenção* que Ele tem o poder de realizar e por essa obra que é, em si, uma glorificação da Trindade Santa, já que restaura numa pura beleza a imagem deformada do Criador. Pode-se também considerar o dom contínuo do Cristo sobre a Cruz na santa Missa e na eterna glória no céu como sendo uma só e grande ação de graças: a Eucaristia. Ação de graças pela Criação, pela Redenção e por sua derradeira consumação. Oferece-se Ele a Si mesmo em nome do todo o universo criado, do qual é a primeira figura e ao qual desceu para renovar interiormente e o conduzir à perfeição. No entanto, chama, também, todo esse universo criado para, em união com Ele dar as graças devidas ao Criador. Esse sentido eucarístico da oração já tinha sua expressão no Antigo Testamento. A arca da Aliança e, mais tarde, o Templo de Salomão, que foi erigido segundo as indicações divinas, foram considerados como as imagens de toda a criação, unida na adoração e no culto do seu Senhor. Atenda, em torno da qual Israel acampava na sua caminhada pelo deserto, chamava-se a “morada da presença de Deus” (EX. XXXVIII,21). Opunha-se como “morada da terra” à “morada do alto”.^[5] “Amo a casa em que Tu moras, o lugar onde reside a Tua glória” (Sl. XXV, 8), porque a tenda da Aliança era o símbolo da criação do mundo. Segundo as narrações bíblicas, o céu foi desenrolado como um tapete; assim se prescreveu estender tapetes para formar as paredes da tenda. Como as águas da terra foram separadas das águas do céu, também o véu separava o Santo dos Santos dos átrios exteriores. O mar contido pelas margens era simbolizado pelo mar de bronze. As luzes do céu eram figuradas, na tenda, pelo candelabro de sete braços. Os carneiros e pássaros representavam a multidão das criaturas vivas que povoam a multidão das criaturas vivas que povoam a água, a terra e o ar. E, como a terra foi dada ao homem assim o santuário foi confiado ao sumo-sacerdote, “que foi ungido para o serviço de Deus”. Moisés abençoou, ungiu e santificou a morada concluída, como o Senhor havia abençoado e santificado, no sétimo dia, a obra das suas mãos. Assim como o céu e a terra dão testemunho de Deus, também a tenda devia ser, na terra, um testemunho de Deus (Deut. XXX,19).

Em lugar do Templo de Salomão, o Cristo construiu um templo de pedras vivas: a comunhão dos santos. Ele permanece no meio dela como o sumo e eterno sacerdote e, no altar, é Ele próprio a vítima perpétua. E, novamente, os frutos da terra, oferendas misteriosas, as flores, os candelabros e círios, os tapetes e o véu, o sumo sacerdote consagrado, a unção e a benção da casa de Deus, toda a criação é incluída na “*liturgia*”, no ofício divino solene. Aos Querubins também estão presentes. Os artistas representaram-nos sob formas sensíveis que velam de um lado e de outro do Santíssimo. E, como suas imagens vivas,^[6] os monges cercam o altar e velam para que o louvor de Deus continue na terra como no céu. Portavozes designados pala Igreja, as orações solenes que recitam enquadram o Santo Sacrifício, cercam, entrelaçam, santificam toda obra do dia, de tal modo que, da oração e do trabalho, resulta num só “*opus Dei*”, uma única liturgia. As leituras, tiradas da Sagrada Escritura e dos Padres, dos livros litúrgicos, das Encíclicas dos Sumos Pontífices, são um grande canto, um canto de louvor, cada vez mais rico, à ação da Providência e à realização progressiva do plano eterno da salvação. Os hinos da manhã convidam novamente toda a criação a se unir no louvor ao Senhor: montanhas e colinas, ribeiros e rios, mares e terras e tudo que aí habita, nuvens e ventos, chuva e neva, todos os povos da terra, todas as classes e todas as raças humanas, e, enfim, todos os habitantes do céu, anjos e santos. Pois estes tomam parte na grande Eucaristia da criação, ou melhor, é a seu eterno louvor que nós nos unimos por nossa liturgia.

Nós, isto é, não só os religiosos cuja vocação é solene louvor de Deus, mas todo o povo cristão. Quando, para as grandes festas, afluem os fiéis às igrejas abaciais ou catedrais e tomam parte, ativa e jubilosamente, nas formas renovadas da vida litúrgica, estão testemunhando que sua vocação é o louvor divino.

A unidade litúrgica da igreja do Céu e da terra, pois uma e outra rende graças a Deus “por Jesus Cristo”, encontra sua mais forte expressão no Prefácio e no “Sanctus” da Santa Missa. A liturgia não nos permite duvidar de que ainda não somos cidadãos de Jerusalém celeste, mas apenas peregrinos a caminho da pátria eterna. Ainda temos de nos preparar antes que possamos levantar os olhos para aqueles cumes de luz e unir nossa voz ao “Sanctus, Sanctus, Sanctus” dos coros celestes. Toda criatura destinada a

servir ao ofício sagrado deve ser retirada do uso profano, depois abençoada e santificada. Antes de subir ao altar, deve o sacerdote purificar-se e, com ele, os fiéis, pela confissão de seus pecados. No curso do Santo Sacrifício, ele renova o pedido de perdão por si, por todos os presentes e por todos os que devem receber os frutos do sacrifício. O próprio sacrifício é expiatório: pelas oferendas, transforma os fiéis, abre-lhes o céu e torna-os capazes de uma ação de graças agradável a Deus.

Tudo aquilo de que necessitamos para sermos acolhidos na comunhão dos espíritos bem-aventurados está contido nos sete pedidos do “Pater Noster”, que o Senhor não disse em seu próprio nome, mas que nos ensinou. Dizemo-lo antes da santa comunhão, e se nos fizermos sinceramente e de todo o nosso coração, se comungarmos ao Corpo de Cristo com uma intenção reta, Ele nos há de trazer e realização de todos os nossos pedidos: Ele nos livra do mal, purificando-nos do pecado e dando-nos a paz do coração que tira o agulhão dos outros males; Ele nos traz o perdão dos nossos pecados^[7] e nos fortifica contra as tentações; como pão de vida de que necessitamos todos os dias para nos enraizar e crescer na vida eterna, Ele faz de nossa vontade um instrumento dócil à vontade divina. Desse modo, instaura em nós o Reino de Deus, dando-nos lábios e coração puros para cantar a glória do seu santo Nome.

De novo, portanto, se manifesta como sacrifício, a ceia sagrada e o louvor de Deus são intrinsecamente unidos. A participação ao sacrifício e à ceia transforma a alma em uma pedra viva da cidade de Deus, e cada um dessas almas se torna um templo de Deus.

A ORAÇÃO DA IGREJA: DIÁLOGO SOLITÁRIO COM DEUS

Cada alma é um templo de Deus: grande e nova perspectiva.

A vida de oração de Jesus é a chave que nos introduz na oração da Igreja. Vimos que Cristo participou do culto público do seu povo, culto que se denomina, habitualmente, a “liturgia”. Une Ele esse ofício, da maneira mais estreita, à sua própria oferta de vítima, dando-lhe, então, seu pleno e verdadeiro sentido da ação de graças ao Criador, e transformando a liturgia do Antigo na do Novo Testamento.

Mas Jesus não participou somente do culto divino oficial. Ainda mais frequentemente os evangelhos nos falam da oração solitária no silêncio da noite, no alto da montanha, e no deserto, longe dos homens. Quarenta dias e quarenta noites de oração precedem sua ação pública.^[8] Antes de escolher e enviar seus doze apóstolos, retirou-se para orar na solidão da montanha.^[9] Durante sua oração no monte das Oliveiras, preparava-se para subir ao Calvário. E o que diz ao Pai, na hora mais grava de sua vida, nos é transmitido em algumas palavras breves que nos podem guiar como luz na noite, à hora da nossa própria agonia: “Pai, se Tu o quiseres, afasta de mim este cálice: no entanto, que tua vontade seja feita e não a minha”.^[10] Essas palavras são como relâmpago iluminado, por um momento, a vida mais secreta da alma de Jesus, o mistério insondável do seu ser humano divino, seu diálogo com o pai, diálogo que prossegue através de toda a sua vida, jamais interrompido.

Não era apenas quando se afastava da multidão que o Cristo orava interiormente, mas também quando se achava entre os homens. Numa só ocasião nos é permitido lançar longa e profundamente nosso olhar para o segredo desses colóquios. Foi pouco antes de partir para o monte das Oliveiras, no fim da última Ceia, na qual reconhecemos o verdadeiro momento do nascimento da Igreja*. Como havia amado os seus, amou-os até o fim.^[11] Sabia que aquela reunião seria derradeira e tanto lhes queira dar ainda! Precisava conter-se para não lhes dizer ainda mais. De fato, bem sabia que os discípulos não podiam compreender tudo, pois não tinham sequer a inteligência mesmo do pouco que haviam recebido. Seria necessário que o Espírito de Verdade descesse para lhes abrir os olhos.

Depois de haver dito e feito tudo que pode, naquela hora, elevou os olhos para o Céu e falou ao Pai na presença deles.^[12] Denominamos essas palavras a oração sacerdotal do Cristo. Mas aquele diálogo solitário com Deus era prefigurado na Antiga Aliança. Uma vez por ano, no dia mais sagrado de todo ano, o dia da Reconciliação, o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos, diante da face do Senhor, a fim de orar por si, por sua casa e por toda a comunidade de Israel.^[13] Aspergia o trono de misericórdia e o de um carneiro que imolava, purificando o santuário dos seus pecados, dos de sua casa, das iniquidades, transgressões e faltas de filhos de Israel.^[14] Ninguém devia permanecer na tenda (isto é, no Santo, que precedia o

Santo dos Santos) no momento em que o Sumo sacerdote penetrasse naquele lugar elevado e temível, pois ninguém a não ser ele podia transpor-lhe o limiar e, ele próprio só aí penetrava naquela hora. Lá, devia ainda queimar o incesto, para que “a nuvem velasse o trono da palavra... e para que ele não morresse”.^[15] Aquele encontro solitário se realizava no segredo mais profundo.

O dia da Reconciliação no Antigo Testamento é a imagem da sexta-feira santa. O carneiro imolado pelos pecados do povo representa o Cordeiro sem mácula; o bode expiatório designado pela sorte a ser expulso para o deserto era, também, carregado com os pecados do povo. O Sumo Sacerdote da linhagem de Aarão figurava o Sumo e eterno Sacerdote.

Aceitando antecipadamente morrer como vítima, na última Ceia o Cristo orou como Sumo Sacerdote do Novo Testamento. Não precisava oferecer a Si um holocausto, pois era sem pecado; nem esperar a hora prescrita pela Lei, nem se apresentar no Santo dos Santos do Templo, pois está sempre e por toda parte diante da face de Deus e sua própria alma é o Santo dos Santos, não só morada de Deus, mas, por sua essência, unida a Deus. Em presença do Eterno, o Cristo não tinha de se abrigar sob a nuvem: Ele contempla a Deus face a face, sem véu, nada tendo que temer: o olhar do Pai não o aniquilaria. Essa oração nos introduz no mistério do mais elevado sacerdócio e, ouvindo-O falar do Pai no santuário do seu coração, aprendemos nós mesmos a falar de Deus.^[16]

*N. do T.: A maioria dos teólogos sustenta que a Igreja nasceu no dia de Pentecostes. Pio XII na *Mystici Corporis Christi* precisa que a Igreja nasceu no Calvário e foi manifestada no dia de Pentecostes.

A oração sacerdotal do Salvador entrega-nos o segredo da vida interior: unidade íntima das pessoas divinas e inabitação de Deus na alma. Nessas secretas profundezas, no mistério e no silêncio é que foi preparada e se realizou a obra da Redenção; e é desse modo que ela prosseguirá até o fim dos tempos, até o momento em que todos serão, efetivamente, um em Deus.

A Redenção foi decidida no eterno silêncio da vida divina. A força do Espírito Santo sobreveio sobre à Virgem quando orava solitária, na humilde morada silenciosa de Nazaré, e operou em seu seio a Encarnação do Redentor.

Reunida em torno da Virgem, orando em silêncio, é que a Igreja nascente esperou a nova efusão do Espírito que lhe havia sido prometido para intensificar a sua luz interior e tornar a sua ação fecunda.

Dentro da noite da cegueira com que Deus cobriu seus olhos, Saulo esperou, orando na solidão,^[17] a resposta do Senhor à sua pergunta: “Senhor, que queres que eu faça?”

E enquanto orava sozinho é que foi Pedro preparado para sua missão entre os gentios.^[18]

Assim, através dos séculos, os acontecimentos visíveis da história se preparam sempre no silencioso diálogo das almas consagradas a Deus com seu Mestre. A Virgem, que guardava em seu coração toda palavra que Deus lhe dirigia, é o modelo dessas almas Atenas, nas quais revive a oração de Jesus Sumo Sacerdote. E aqueles que, a seu exemplo, se renunciam, na contemplação da vida e da Paixão do Cristo, são escolhidas de preferência pelo Senhor como instrumentos de suas grandes obras na Igreja; assim uma Santa Brígida, uma Catarina de Sena. E quando Santa Teresa, a forte reformadora de sua Ordem, quis vir em auxílio da Igreja, por ocasião da grande apostasia, descobriu o meio de fazê-lo numa renovação da autêntica vida interior. O que ela sabia a respeito da heresia sempre crescente a entristecia muito: “... Como se eu pudesse, ou como se eu fosse alguma coisa, derramava minhas lágrimas aos pés do Senhor e suplicava que trouxesse um remédio a tamanho mal. Parecia-me que eu teria sacrificado mil vidas para salvar uma só daquelas almas que se perdiam em tão grande número. Mas, sendo mulher e bem imperfeita ainda, via-me impotente para realizar o que teria querido para glória de Deus. Todo meu desejo era ainda é que, uma vez que Ele tem tantos inimigos e tão poucos amigos, ao menos estes fossem devotados. Decidi-me, então, a fazer o pouco que dependesse de mim, isto é, seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição possível e levar ao mesmo gênero de vida as poucas religiosas deste

mosteiro. Confie-me na bondade infinita de Deus... Nós nos poríamos todas em oração pelos defensores da Igreja, pelos pregadores e sábios que a sustentam, e ajudaríamos com todas as nossas forças esse Senhor de minha alma... Esses traidores quereriam, ao que parece, crucificá-lo de novo... Ó minhas irmãs em Jesus Cristo, ajudai-me a dirigir ao Senhor essa súplica. É para tal obra que Ele vos reuniu; é essa a vossa vocação...”^[19]

Parecia a ela necessário fazer “aquilo que se executa em tempo de guerra... Quando o inimigo invade inteiramente uma região, o Soberano se retira numa cidade que ele mandou fortificar com cuidado; de lá, faz sortidas, de vez em quando, sobre o inimigo; sendo todos os soldados de escol os que leva ao combate, secundaram-no melhor do que soldados mais numerosos, mas covardes. Desse modo, ganha-se certamente a vitória... Por que vos falei assim ... para que bem compreendais, minhas irmãs, o que devemos pedir a Deus. Supliquemos a Ele que, nesta pequena praça forte, onde estão entrincheirados corajosos cristãos, não vejamos um só passar ao inimigo; para que Ele cumule de graças os capitães desta cidade ou praça forte, isto é, os pregadores e os teólogos; e, como a maior parte pertence às Ordens religiosas, que Ele os eleve muito alto na perfeição do seu estado... Que seria dos soldados sem seu capitão? Estes devem, pois, viver entre os homens, conversar com os homens e, até, por vezes, se fizerem, exteriormente, semelhantes a todos. Pensais, minhas filhas, que seja necessária pouca virtude para tratar com o mundo, viver no meio do mundo, ocupar-se dos negócios do mundo..., e permanecer, interiormente, estranho ao mundo..., enfim para ser, em verdade, não semelhante aos homens, mas aos anjos? Se assim não forem, os capitães não merecem o nome que trazem; e, nesse caso, que Deus não permita que saiam de suas celas. Fariam mais mal do que bem. Para os que conduzem os outros, não é o momento de deixar aparecer imperfeições. Aliás, com quem tratam eles? Não é com o mundo? Portanto, considerem como certo que o mundo nada lhes perdoará e nenhuma de suas imperfeições escapará aos seus olhos. As boas ações passam sobretudo despercebidas aos olhos do mundo; talvez mesmo não julgue tais; quanto às faltas ou imperfeições, estais certas de que o mundo as notará”^[20]

“Pergunto agora a mim mesma, com espanto, quem teria podido dar ao mundo a ideia de perfeição... Não para que ele próprio a pratique... mas

para condenar os outros. Não deveis pensar que os homens a quem nos referimos precisem apenas de um pequeno auxílio de Deus para sustentar a luta temível em que se envolveram; pelo contrário, necessitam de uma graça abundante... Peço-vos por amor a Deus que supliqueis a Sua Majestade que atenda as orações que nós lhe dirigimos... Quanto a mim, ainda que miserável, isso imploro. Trata-se de sua glória e do bem da sua Igreja; para lá é que tendem todos os meus desejos... disciplinas, jejuns não tendessem para o fim de que acabo de falar, sabeis que não realizais a finalidade para a qual o Senhor vos reuniu neste lugar.”

Donde vem a essa religiosa, que, há uma dezena de anos, vivia numa cela de convento, consagrada à oração, essa sede ardente de agir para o bem da Igreja, e quem lhe deu essa visão nítida das misérias e necessidades do seu tempo? Assim foi justamente porque ela viveu na oração, deixou-se conduzir pelo Senhor em seu “castelo interior” até aquela oculta morada em que Ele lhe disse que era tempo de que fizesse dos seus interesses d’Ele seus próprios interesses e que Ele cuidaria do que concerne a ela”.^[21] Por isso, não podia ela fazer outra coisa a não ser “arder de zelo pelo Senhor, O Deus dos exércitos”.

Aquele que se consagra inteiramente ao Senhor é o escolhido como instrumento para edificar seu reino. Só Deus sabe quando a oração de Sta. Teresa e de suas filhas contribuiu para proteger a Espanha contra a heresia, e que força desenvolveu nas lutas ardentes das guerras de religião em França, nos Países Baixos e no Império germânico.

A história oficial cala-se a respeito dessas forças invisíveis e incalculáveis. Mas a confiança dos fiéis e o juízo atento e vigilante da Igreja as conhecem. Nessa época, tantas vezes mal sucedida, vê-se cada vez mais forçada a esperar, dessas forças ocultas, a suprema salvação.

A VIDA INTERIOR: A SUA FORMA E SUA AÇÃO

Em seu segredo e silêncio se realiza a obra da redenção. É no diálogo silencioso do coração com Deus que são preparadas as pedras vivas pelas quais cresce o Reino de Deus e que são forjados os instrumentos de escol que auxiliam a sua edificação.

O místico rio que atravessa todos os séculos não é um braço desviado que se separa da vida de oração da Igreja, ele é por sua vida mais íntima. Quebram-se as formas tradicionais, assim o faz porque o Espírito vive nele, Espírito que sopra onde quer. Esse Espírito criou todas as formas antigas e deve criar todas as formas novas. Sem Ele não haveria nem liturgia nem Igreja. Assim, não era a alma do salmista real uma harpa cujas cordas cantavam ao suave sopro do Espírito Santo? Assim jorrou do coração transbordante de alegria da Virgem cheia de graça o hino do “Magnificat”. Igualmente, o canto profético do “Benedictus” abriu os lábios mudos do velho sacerdote Zacarias, quando se cumpriu o que o anjo anunciara secretamente. Pois o que jorra de uma de um coração repleto do Espírito Santo procura exprimir-se em cânticos e hinos e se transmite de boca a boca: é ao Ofício divino que compete fazer com que ressoe através das gerações.

Esse místico rio forma uma sinfonia de louvor à Santíssima Trindade: ao Criador, ao Redentor e ao Consolador. Logo, não se pode opor a oração interior e livre de toda forma tradicional, “piedade subjetiva”, à liturgia, que é “a oração objetiva” da Igreja: *pela* oração sincera, algo se opera na Igreja e é ela própria que ora, pois o Espírito Santo, que nela vive, também é, em cada alma, aquele que “ora por nós com suspiros inefáveis”.^[22] Tal é a verdadeira oração: pois ninguém pode dizer “Santo Jesus” senão no Espírito Santo.^[23] Que seria a oração da Igreja se não fosse ela o dom daqueles que amam com um grande amor o Deus que é Amor? O dom total de nosso coração a Deus e o dom que Ele nos faz em troca, a plena e eterna união, tal é o estado mais elevado que nos seja acessível, supremo grau de oração. As almas que o atingiram são, verdadeiramente, o coração da Igreja: nelas, vive o amor sacerdotal de Jesus. Ocultas em Deus com o Cristo, só podem irradiar em outros corações o amor divino que as possui e, desse modo contribuir para a perfeição de todos na união a Deus, o que, no passado e no presente, é o único desejo de Jesus.

MARIA ANTONIETA DE GEUSER compreendeu assim a sua vocação. Havia de realizar o mais alto dever do cristão do mundo e seu caminho é, certamente, o exemplo mais significativo para aqueles que, hoje, sentindo-se atraídos a assumir, espiritualmente, as responsabilidades da Igreja, não podem respondera esse chamado na vida oculta no claustro. A

alma chegada ao mais elevado grau da oração mística, na tranquila atividade da vida divina, só pensa em se entregar ao apostolado a que Deus a chama. “É a tranquilidade na ordem, ao mesmo tempo em que a atividade livre de todo entrave. A alma luta na paz, porque trabalha exatamente no sentido dos decretos eternos. Sabe que a vontade do seu Deus se realiza perfeitamente para sua glória, pois se a vontade humana limita, muitas vezes, a onipotência divina, é ainda essa onipotência que triunfa, fazendo obra magnífica com o material que lhe resta. Essa vitória da força de Deus sobre a liberdade dos homens que Ele deixa, no entanto, agir, é uma das coisas mais adoráveis do plano divino...”.^[24]

Quando MARIA ANTONIETA DE GEUSER escreveu essa carta, estava no seu limiar da eternidade e apenas um véu transparente a separava ainda daquela perfeição última a que chamamos a vida gloriosa.

Tudo é uma só coisa para as almas ditosas que chegaram à unidade profunda da vida divina: o repouso e ação, contemplar e agir, calar e falar, ouvir e comunicar-se, receber dentro de si, no amor, o dom divino e retribuir o amor em abundância, na ação de graças e no louvor.

Enquanto estamos em caminho, e tanto mais acentuadamente quando mais distante é o fim, permaneceremos sob a lei da vida temporal e, todavia, estamos certos de que, no Corpo Místico, pela progressão mútua e recíproca dos teus membros, a vida divina em plenitude se tornará, para nós, realidade.

Durante horas devemos escutar em silêncio, deixar que a palavra divina se expanda em nós, até que nos incite a louvar a Deus na oração e no trabalho.

Também as formas tradicionais nos são necessárias e devemos participar do culto público, como ordena a igreja, para que em nossa vida interior desperte, permaneça no caminho reto e encontre a expressão que lhe convém. O solene louvor a Deus deve ter seus santuários na terra, para que seja celebrado com toda perfeição de que os homens são capazes. Daí, *em nome* de toda Igreja, esse louvor pode subir ao Céu, agir sobre todos os seus membros, despertar sua vida interior e estimular seu esforço fraterno. Mas, para que esse canto de louvor seja vivificado do interior, é preciso,

que haja, nesses lugares de oração, tempos reservados ao aprofundamento espiritual. Do contrário, esse louvor degeneraria num balbuciar de lábios, despido de toda vida.^[25] Graças a esses focos de vida interior é que tal perigo é afastado: podem as almas aí meditar diante de Deus, no silêncio e na solidão, a fim de serem, no coração da Igreja, as cantoras do amor que vivifica.

O Cristo nos introduz nessa vida pela qual nos unimos aos coros dos espíritos celestes que cantam o eterno “Sanctus”. Seu sangue é como o véu através do qual entramos no Santo dos Santos da vida divina. No batismo e no sacramento de penitência, esse sangue nos purifica dos nossos pecados, abre-nos os olhos à luz eterna, os ouvidos à palavra divina, os lábios ao louvor, à oração de penitência e de súplica, à ação de graças; todas essas orações, sob diferentes formas, são uma só adoração, isto é, a homenagem da criatura de Deus onipotente e infinitamente bom. No sacramento de Confirmação, esse sangue elege e fortifica o soldado de Cristo, para que professe lealmente sua fé. Mais do que em todos os sacramentos, porém, é naquele em que o Cristo está presente que nos tornamos membros do seu Corpo. Enquanto participamos do Santo Sacrifício, à santa comunhão no alimentamos com o Corpo e Sangue de Jesus e nós mesmos nos tornamos, de certa maneira, misticamente, seu Corpo e Sangue. E é unicamente na medida em que somos membros do seu Corpo que seu Espírito nos pode vivificar e reinar em nós, “...é o Espírito que vivifica, pois é o Espírito que torna vivos os membros. Ele só torna vivos aqueles já vivificados pelo Corpo no qual age o Espírito. O único temor do cristão está em ser separado do Corpo de Cristo; não seria mais seu membro nem vivificado por seu Espírito...”.^[26] Tornamo-nos membros do Corpo de Cristo “não só pelo amor..., mas, em toda verdade, pela união com sua carne, união que se opera pelo alimento que Ele nos dá para nos testemunhar sua sede do amor. Para isso é que ele próprio desceu em nós e tornou seu Corpo semelhante ao nosso, para que sejamos um como o corpo faz um só com a cabeça...”.^[27]

Membros de seu Corpo, animados por seu Espírito, oferecemo-nos como vítimas “por Ele, com Ele, n’Ele”, e nos unimos à eterna ação de graças.

Por isso, a Igreja nos faz dizer, após a santa comunhão:

“Cumulados por estes dons magníficos, nós Vos rogamos, Senhor, fazei com que recebamos todas as suas graças de salvação e que jamais cessemos de cantar vosso louvor”.^[28]

NOTAS

[1] O judaísmo tinha e ainda tem uma rica liturgia para o culto público e familiar, para as grandes festas e para todos os dias.

[2] “Sê louvado, ó Eterno, nosso Deus, Rei do mundo inteiro, que fazes com que a terra nos dê pão... que criaste o fruto da vinha.”

[3] Mateus, XXVI, 26-28.

[4] Por este exemplo, antes da ressurreição de Lázaro (João, XVI, 41-42)

[5] Cf. N. Glatzer e L. Strauss, “Sendung und Schicksal. Aus dem Schriftum des nachbiblischen Judentums”, Berlim, 1931

[6] Erick Peterson, em *O Livro dos Anjos*, demonstra de modo admiravelmente claro a união de Jerusalém celeste e da Jerusalém terrestre na celebração da liturgia.

[7] Subentende-se que se esteja em estado de graça: do contrário, não se pode comungar “em verdade”.

[8] Mateus, IV, 1-2.

[9] Lucas, VI, 12.

[10] Lucas, XII, 42.

[11] João, XIII, 1.

[12] João, XVII.

[13] Levítico, XVI, 17

[14] Levítico, XVI, 16

[15] Levítico, XVI, 13.

[16] As dimensões deste ensaio me impedem de citar integralmente a oração sacerdotal de Jesus. Devo rogar ao leitor que leia o Evangelho de S. João, no capítulo XVII.

[17] Atos, IX.

[18] Atos, X

[19] *O Caminho de perfeição*, cap. I.

[20] *O Caminho de perfeição*, cap. III. Essas duas citações são lidas todos os anos no mês de setembro no Carmelo.

[21] *O Castelo da alma*, 7ª morada, cap. II.

[22] Romanos, VIII, 26.

[23] I Coríntios, XII, 3.

[24] Maria da Trindade, *Cartas de Consummata a uma Carmelita* (Carmelo de Avignon, 1930), carta de 27-9-1917.

[25] “Há uma adoração “do interior”..., a adoração “em espírito”, a que continua nas profundezas do ser, na inteligência e na vontade; é a adoração essencial, principal, sem a qual a exterior fica sem vida.” – “Ó meu Deus, Trindade que adoro, oração da Irmã Elisabeth da Trindade”, comentada por D. Eugênio Vandeur, O.S.B – 1931.

[26] Santo Agostinho (Tract. 27, sobre São João, Breviário Romano, 3ª feira na oitava da festa de Corpus Cristi, 8ª e 9ª lições).

[27] S. João Crisóstomo, Homília 61 (“Ad populum Antiochum”, a.a.O., 4ª lição).

[28] Missal romano, pós-comunhão do 1º domingo depois de Pentecostes.